

CONTINUAÇÃO DAS NOTÍCIAS DE LAMBETH

2. A Conferência terminou

No domingo, dia 03, tivemos o último dia de trabalho e a palavra final do Arcebispo de Cantuária a comentar o que vivemos e a projetar para diante os resultados da Conferência. À noite, solene Liturgia eucarística encerrava “Lambeth 2008”, deixando-nos nos ouvidos o sermão do Arcebispo: Proclamem, levem adiante este apostólico ministério; a história que fizemos aqui é forte o suficiente para criar história e transformar-nos, desde que nosso amor seja generoso... a Comunhão Anglicana é o dom que Deus nos outorgou para o conjunto da Igreja de Cristo, somos seus guardiães, não podemos deixá-lo perder-se... A Catedral nos ofereceu um jantar “americano”, como se dizia antigamente, e tivemos, finalmente, música e dança em salões anexos. Era engraçado ver bispos, bispas, pessoas do clero, frades e freiras (sim, nossa Igreja tem frades e freiras de convento, seja de espiritualidade franciscana, seja beneditina), muita gente de batina ou de hábito franciscano dançando e brincando alegremente para continuar a celebrar a glória de Deus que havia resplandecido tão fortemente na Eucaristia. Até o Arcebispo andou circulando e chegou a se conceder uns passos de dança com diferentes pessoas.

Durante a Liturgia tivemos um momento deveras emocionante. Foi posto no altar, em gesto de oferta e compromisso, o documento final, elaborado para retratar o diálogo que tivemos por três semanas. E, como expressão do que tem de ser o testemunho da Igreja na sociedade, foram proclamados pelo Arcebispo os nomes dos sete gloriosos mártires da Irmandade da Melanésia, uma ordem religiosa da Oceania, que tinham sido assassinados quando corajosamente buscavam exercer mediação para promover a paz entre grupos rivais em seu país: “Bem aventurado quem promove a paz porque será chamado nascido de Deus”. Ao som da ladainha de santos e santas seus nomes foram depositados na capela da Catedral dedicada a “Santos e Santas Mártires de Nosso Tempo”. Concluía-se assim essa etapa da caminhada, caminhada da Comunhão Anglicana e particularmente de seus bispos e bispas e cônjuges.

O método de trabalho tinha sido desenhado como caminho (a palavra “método” quer dizer “pelo caminho”) que possibilitasse a cada pessoa dizer o que quisesse e ao mesmo tempo escutar atentamente a outrem. Não se tinha como objetivo chegar a documentos “finais” ou conclusivos sobre os assuntos em debate, nem se pretendia definir questões controversas por votação “parlamentar” de maioria/minoria. O que se queria era dar espaço ao diálogo (“dia-logo” significa “caminhar através da palavra”, do intercâmbio da palavra). Alguém nos recordou que no Novo Testamento Cristo é designado como “a Palavra”, para nos chamar à confiança: se caminhamos através do diálogo, estaremos caminhando através de Cristo e por isso certamente chegaremos a algum lugar, àquele “lugar” que é Ele mesmo, onde temos de “permanecer”, como nos diz tão belamente São João. Acontecerá conosco como com os discípulos, que chegam com segurança à outra margem do lago depois da tempestade e tendo ouvido a palavra: “Não tenham medo, EU SOU, isto é, Eu estou aqui” (cf. Jo 6, 20-21), como Deus tinha garantido a Moisés ao confiar-lhe a missão (cf. Ex 3, 14). Esse método se desdobrou ou se exerceu mediante alguns procedimentos

Primeiro, como já relatei anteriormente, tivemos a “hospitalidade pré-Lambeth”. Dioceses da Irlanda, da Inglaterra, do País de Gales e da Escócia organizaram-se generosa e eficazmente para nos receber. Pessoas de continentes, línguas, raças, idéias diferentes começávamos a nos conhecer e a conhecer mais de perto a Igreja do Reino Unido e da Irlanda.

Depois vieram os momentos de oração e de aprofundamento espiritual. Nos três primeiros dias, o retiro pregado pelo Arcebispo de Cantuária, no magnífico cenário da multiseular Catedral, santuário ao qual peregrinaram gerações de crentes durante toda a Idade Média, espaço no qual foi selado com o sangue do mártir São Tomás Becket o conflito, sempre a renascer, entre a fé e os poderes mundanos. Cantuária é a igreja-mãe de toda a Comunhão Anglicana, em forma de cruz, como a dizer da missão e do destino da Igreja. Cada dia tínhamos a celebração da Eucaristia pela manhã e as Vésperas à tardinha. Para quem ainda tinha fôlego, às 9.45h, a Oração da Noite. Todos os textos litúrgicos foram previstos em relação com o tema a ser discutido no dia, e havia dois fios condutores que nos traziam sempre de novo amarrados ao essencial: a unidade da Igreja e sua missão de comunicar vida ao mundo, incluindo a salvação do planeta como gesto de obediência ao propósito de Deus para Sua criação.

O terceiro procedimento metodológico foram os grupos de estudo bíblico. Toda manhã, por quase uma hora e meia, estávamos em pequenos grupos, sempre as mesmas pessoas. O testemunho unânime é que foi uma das melhores coisas que nos aconteceram. Crescia a cada dia a intimidade e a escuta recíproca. Falávamos de nossa vida à luz da Bíblia e líamos a Bíblia com a ajuda da experiência de nossa vida quotidiana. Nascia amizade e marcávamos encontros para aprofundar reflexões e fortalecer relações. Era a consagração, em meio ao episcopado anglicano mundial, do jeito de ler a Bíblia próprio do CEBI. Ninguém era mestre, todos éramos aprendizes da Palavra. O testemunho do Evangelho segundo São João nos levava a escutar Deus hoje, em nossa hora, na Comunhão Anglicana e na sociedade. A meditação da Bíblia como instrumento de escuta da Palavra atual de Deus criava realmente comunidade entre nós. Experimentávamos a eficácia da Palavra de Deus, de que fala a Primeira Carta aos Tessalonicenses: o texto se tornava vivo em nossa experiência de comunidade, como também nos ensina 2Cor 3, onde se nos explica como ler e interpretar a Bíblia, para que a letra não nos mate. Era o jeito do CEBI que nos vinha através da mesma experiência na África do Sul. O jovem professor Gerald West, coordenador dos estudos bíblicos, me dizia ser muito agradecido ao CEBI pelo que tinha aprendido com a experiência do Brasil.

O quarto procedimento do método eram os grupos de diálogo, de trinta ou até quarenta pessoas. Inspiravam-se na experiência africana. O povo da aldeia se reúne para conversar e através do diálogo ir chegando ao consenso em relação a questões ou problemas que necessitam ser pensados coletivamente. Não há pressão para decidir. A ênfase não está no produto, mas no processo. (Hoje se fala disso no Ocidente como grande descoberta pedagógica “moderna”). É preciso dialogar, estar livre para manifestar o próprio pensamento até o fim e ter disponibilidade para escutar os diversos pontos de vista, inclusive contrários à própria opinião. Esse processo se chama “indaba” e não tem pressa para terminar... pena que nós tínhamos tempo limitado, duas horas cada dia. Cada pessoa podia falar livremente e fazia silêncio para escutar. Com lealdade, convicções discordantes e opiniões até radicalmente diferentes se manifestaram com franqueza. Houve delicado e profundo esforço de escutar e tentar compreender mais

profundamente pontos de vista opostos; houve momentos de auto-crítica e até pedidos de perdão; sobretudo, revelou-se claramente como é decisiva e complexa a diversidade de contextos sócio-políticos-culturais nos quais a Igreja está inserida, e como é preciso comunicar-se, informar-se, testar a verdade de boatos para desmontar estereótipos, simplificações, caricaturas...

As várias contribuições iam sendo cuidadosamente anotadas para constituírem desse modo a matéria-prima do documento final. Documento esse que não é conclusivo, mas apenas registra o estado atual de nossas concordâncias e discordâncias, expressadas num clima de escuta recíproca e na busca de enxergar com mais clareza que caminhos o Espírito deseja indicar à Igreja. É só o breve registro de nossa fascinante “caminhada através da palavra”. Em 42 páginas, apenas uma pálida expressão de um processo comum cuja matriz geradora foi o desejo intenso de todos de manter a comunhão da Igreja. À tarde, em algumas sessões plenárias, textos eram apresentados e era possível oferecer críticas e sugestões de emendas, oralmente ou por escrito. A Bispa Presidente da TEC (Igreja Episcopal – Estados Unidos) disse-o muito bem quando resumiu tudo em poucas palavras: chegamos com os mesmos receios, reunimo-nos para orar, rir, chorar, pensar e buscar em conjunto, por isso estamos saindo diferentes de como tínhamos entrado e nos renovamos na esperança. Sim, oramos em conjunto, estabelecemos contactos interpessoais, não só institucionais, dissemos com sinceridade de nós e escutamos de outrem, abrimo-nos a perceber a experiência de vida de irmãos e irmãs em diferentes situações, e, quem sabe, aprendemos com mais profundidade o que significa ser Igreja em comunhão, bem para além de estruturas formais de articulação.

Para completar os procedimentos, havia seminários temáticos à tarde, de livre escolha. Algumas grandes conferências à noite trouxeram preciosos elementos de reflexão para os temas que estávamos discutindo: Evangelização; Missão e Justiça Social; Meio-Ambiente e ameaças à vida do planeta; Aliança como a maneira de ser do Povo de Deus.

Deus nos abençoe!

+ Sebastião Armando, Bispo Diocesano

Recife, 15 de Agosto de 2008

Festa da Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo